

4 de Maio 2020  
Segunda-feira  
Semanário - Ano 5  
Nº 207  
Director-Geral  
Evaristo Mulaza



MARIA JOÃO, VICE-PRESIDENTE DA ANAVI

# “O lobby do comércio prejudica a avicultura nacional”

**ENTREVISTA.** Entre várias dúvidas sobre a dinamização do sector avícola, a empresária tem uma certeza: a solução está na produção auto-suficiente de ração, no caso, do milho e da soja. Também incrédula quanto às eventuais vantagens que o país pode explorar no mercado livre africano, a vice-presidente da Associação Nacional de Avicultores de Angola estima que a produção do ovo, por exemplo, seja de apenas 17,5% da capacidade instalada e revela que os produtores já estão a pagar para vender. **Págs. 6 e 7**

AVIÕES CANADIANOS PREVISTOS PARA JULHO

## TAAG mantém previsão de reforço da frota

**AVIAÇÃO.** Apesar de toda a incerteza na indústria, provocada pelos efeitos da pandemia da covid-19, a transportadora pública não desarma quanto à necessidade de reforço da frota. Fonte da empresa admite mesmo que as duas primeiras aeronaves de origem canadiana do tipo Das8-400s devem chegar a Luanda em Julho, depois de falhar a previsão inicial de Março e Abril últimos. **Pág. 11**

EVENTUAIS JÁ RECEBEM COMO EFECTIVOS

### Sindicato exige retroactivos da Sonangol

A petrolífera pública marcou um passo na solução do diferendo que remonta a 2018 com os considerados trabalhadores eventuais, ao iniciar os pagamentos dos salários, no início deste mês, já na qualidade de efectivos. A CGSILA afirma, no entanto, que faltam os retroactivos. **Pág. 10**

INTEGRAÇÃO NA ZONA DE COMÉRCIO LIVRE

## O ‘sim’ e o ‘não’ de três analistas

**COMÉRCIO INTERNACIONAL.** Eugénio Costa Almeida, Jonuel Gonçalves e Augusto Báfua Báfua têm ideias comuns e divergentes sobre os eventuais benefícios e desvantagens da entrada de Angola na Zona de Livre Comércio Continental, quando o país se prepara para ratificar o acordo. Os receios incluem o desconhecimento de um estudo que identifique as reais vantagens competitivas do país. **Págs. 4 e 5**



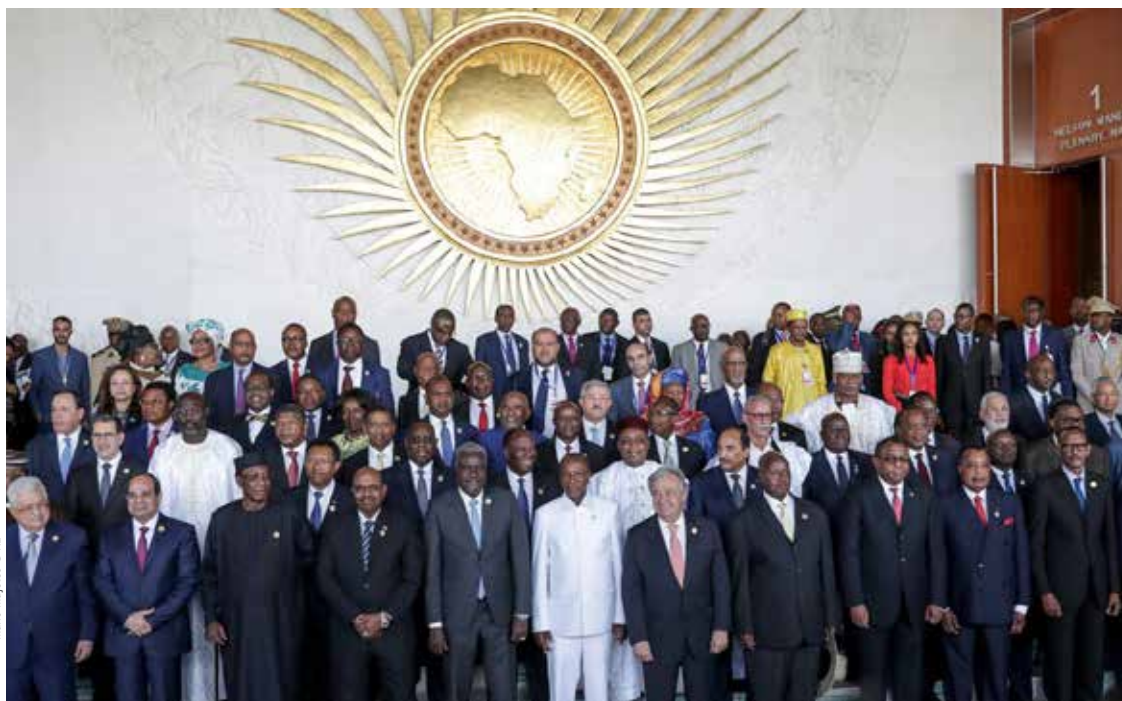
QUEIXAS DE CLIENTES AO BNA

### BAI lidera reclamações

Pág. 9

# Editorial

## ANTES DE MAIS, O MEIO-TERMO



Mário Mujetes © AE

Não há uma segunda discussão. No plano estritamente económico, o debate sobre a adesão de Angola à Zona de Livre Comércio Continental Africana (ZLEC) circunscreve-se nas oportunidades e ameaças que essa abertura poderá representar para o país. E, como recordou assertivamente a deputada do MPLA Josefina Diakitê, a tarefa é complexa. Tão intrincada que a sugestão de Eugénio Costa Almeida para o levantamento pré-

vio das reais vantagens competitivas do país deveria servir necessariamente de ponto de partida.

Até ao momento, os argumentos a favor e contra têm-se suportado, sobretudo, numa listagem genérica de potenciais vantagens e desvantagens. Os cépticos mencionam a falta de competitividade da economia e, mais especificamente, do empresariado, face ao avanço nesse domínio de economias como a sul-africana. O receio lógico é do estrangulamento completo da produção nacional e, por consequência, o desmantelamento

da classe empresarial angolana. Leia-se a propósito a empresária Maria José, vice-presidente da Associação Nacional de Avicultores de Angola em entrevista, neste número, ao VALOR.

Os optimistas encontram precisamente na falta de competitividade a razão para uma abertura mais significativa ao continente africano. A ideia passaria por usar justamente a ameaça expressa das restantes economias do continente para se despertar o empresariado local.

Entre os dois extremos sobra,

logicamente, o meio-termo. E não há outra forma de o preencher senão por um levantamento exaustivo e criterioso dos pontos fortes e fracos da nossa economia. Apenas um estudo profundo responderia a questões fundamentais, como: Quando abrir? Como abrir? O que conseguimos vantajosamente vender? Como salvaguardar a construção de um empresariado sólido? E mais uma dúzia de questões-chave. É, em parte, a ausência de algumas destas respostas de base que justifica também os atrasos nos projectos de integração regional, a exemplo da SADC.

Os novos contextos também têm uma palavra relevante. A pandemia da covid-19 deve impor um exercício aturado sobre o avanço do processo do mercado comum africano. Pela simples razão de que ainda não é possível estimar a dimensão dos recuos que a pandemia vai provocar no conjunto das economias africanas e, por extensão, da economia global. Mas também porque a crise moral desencadeada no combate à covid-19 terá consequências comportamentais na forma como os países percebem a economia. Seguramente, muitos países optarão por expandir as possibilidades de auto-suficiência. Isso apesar da recordação da incontornável interdependência que ficou reforçada com esta crise sanitária mundial.



### FICHA TÉCNICA

**Director-Geral:** Evaristo Mulaza

**Directora-Geral Adjunta:** GERALDA EMBALÓ

**Editor Executivo:** César Silveira

**Redacção:** Antunes Zongo, Guilherme Francisco, Isabel Dinis, Júlio Gomes, Raimundo Ngunza e Suely de Melo

**Fotografia:** Mário Mujetes (Editor) e Santos Samuessa

**Secretária de redacção:** Rosa Ngola

**Paginação:** Edvandro Malungo, Francisco de Oliveira e João Vumbi

**Revisores:** Edno Pimentel, Evaristo Mulaza e GERALDA EMBALÓ

**Colaboradores:** Cândido Mendes e Mário Paiva

**Propriedade e Distribuição:** GEM Angola Global Media, Lda

**Tiragem:** 00 N° de Registo do MCS: 765/B/15

**GEM ANGOLA GLOBAL MEDIA, LDA Administração:**

Geralda Embaló e Evaristo Mulaza

**Assistente da Administração:** Geovana Fernandes

**Departamento Administrativo:** Jessy Ferrão e

Nelson Manuel

**Departamento Comercial:** Geovana Fernandes

**Tel.:** +244941784790-(1)-(2)

**N° de Contribuinte:** 5401180721

**N° de registo estatístico:** 92/82 de 18/10/82

**Endereço:** Rua Fernão Mendes Pinto, n° 35, Alvalade, Luanda/Angola, Telefones: +244 222 320510;

222 320511 Fax: 222 320514

**E-mail:** administracao@gem.co.ao; comercial@gem.co.ao



# A semana

## 3 PERGUNTAS A...



**FIDELINO QUEIROZ,**  
empresário

### Como vê o impacto do coronavírus na economia?

Será muito forte, porque a nossa economia depende do petróleo e das importações. Fala-se muito da diversificação mas, na realidade, não se diversificou nada. De resto, na minha opinião, independentemente de o coronavírus entrar ou não no país, a economia já está gravemente afectada e não será fácil recuperar por falta de soluções.

### O que sugere?

Há má gestão e más políticas governamentais. A equipa económica não está a cumprir o seu papel de criar soluções para o desenvolvimento do país. Não devia estar ali para criar problemas.

### Cria problemas?

Sim, o Governo está muito obeso, oneroso e não é funcional. Por outro lado, quem tem de executar as políticas é o sector privado. Mas o Governo bloqueia.

## TERÇA - FEIRA

A Comissão Económica do Conselho de Ministros aprova o plano de acção do Programa Integrado de Desenvolvimento do Comércio Rural referente a 2020, que prevê acções experimentais em sete das 18 províncias.

## QUARTA - FEIRA

O governo do Bié consigna, nos municípios de Catabola e Camacupa, a empreiteiras nacionais, obras de construção de infra-estruturas sociais, no âmbito do PIIM, avaliadas em cerca de 500 milhões de kwanzas.

## QUINTA - FEIRA

O mercado do Chingo, no Kwanza-Sul, é reaberto um mês depois do encerramento para obras de reabilitação, beneficiando de novas bancadas, pintura, sistemas de higienização e outros sistemas de recolha de lixo.



## SEXTA - FEIRA

Agricultores da Huíla alertam que os aumentos dos preços de fertilizantes poderão condicionar a segunda fase da campanha agrícola no perímetro irrigado da Matala, cujo início está previsto para a segunda quinzena deste mês.



## SÁBADO

Paulo Sozinho, coordenador do Mosap II, em Malanje, considera que as caixas comunitárias constituem uma "premissa fundamental" para o desenvolvimento sustentável dos agricultores locais.



## DOMINGO

SJA elogia o esforço dos profissionais da imprensa na luta contra a covid-19. Na mensagem sobre o dia 3, dia da Liberdade de Imprensa, o sindicato apela aos órgãos a garantirem as condições de biossegurança para os profissionais.



## COTAÇÃO



### PETRÓLEO COM TENDÊNCIA DE SUBIDA NO INÍCIO DO ACORDO

O acordo para o corte na produção do petróleo entrou em vigor na sexta-feira, 1 de Maio, e a situação é apresentada como a razão para a tendência de subida do preço que se regista desde então. Na segunda-feira, 4 de Maio, o Brent arrancou a ser negociado a 25,86 dólares e terminou a sessão a 27,95 dólares. No dia da entrada em vigor do acordo, o petróleo de referência para Angola terminou a sessão a ser negociado por 26,44 dólares.



### PRODUÇÃO ANGOLANA ACOMPANHA, MAS VALE MENOS

O petróleo angolano, entretanto, terminou a ser negociado abaixo do preço de referência, segundo sites especializados na cotação do preço do petróleo. O crude nacional terminou a sessão de 4 de Maio com o barril a ser negociado por 20,25 dólares. Da cesta da OPEP, o petróleo angolano era o quinto mais valorizado, enquanto o nigeriano terminou a sessão a ser negociado por 18,70 dólares.



# Economia/política

INTEGRAÇÃO DE ANGOLA NA ZLEC

## O ‘sim’ e o ‘não’ na visão de três especialistas

**COMÉRCIO INTERNACIONAL.** Uns defendem uma integração a passos lentos na Zona de Livre Comércio Continental Africana. Outros lançam o desafio e até preconizam que chegou o momento da diversificação. Perda da autonomia financeira e económica ainda é dos maiores receios.

Por Isabel Dinis

Angola está a um passo da ratificação da integração à Zona de Livre Comércio Continental Africana (ZLEC), mas o processo está longe de gerar consensos entre especialistas, quanto às

consequentes vantagens e desvantagens para a economia nacional.

O investigador do Centro de Estudos Internacionais (CEI-IUL) do ISCTE-IUL, Eugénio Costa Almeida, considera que “ainda não estamos em condições” de avançar para a ZLEC sem que haja garantias de salvaguarda dos principais interesses do país. “Não é em vão que a África do Sul, apesar de já a ter ratificado, dá preferência à

plena Zona de Livre Comércio da SADC”, exemplifica.

Eugénio Costa Almeida refere que, além do petróleo e dos diamantes que têm sido dos produtos mais exportados por Angola, há também o café e o algodão e talvez o sisal que podem ser competitivos na zona, mas lembra que há outros países como a Costa do Marfim, no café, e o Mali, no algodão, que são os principais produtores e



Augusto Báfua Báfua vê inúmeras vantagens para Angola

exportadores destes dois produtos. “Externamente, teremos as nossas armas. Com a entrada na ZLEC, iremos estar contingenciados às regras da organização”, acautela.

O investigador questiona ainda o que servirá ter “uma ZLEC para defender os nossos interesses, se a matéria-prima continua a ser transformada no exterior, por não termos industrialização”.

Diferente de muitos analistas e investigadores, Eugénio Costa Almeida afirma “ser cedo para poder aquilatar das vantagens e desvantagens da integração de Angola na ZLEC”. “Pessoalmente, advogaria uma entrada ‘step-by-step’, na linha do que é praticado pelos Estados sul-americanos no Mercosul, sermos Estado-associado dentro da organização”.

Já para o economista e professor universitário Jonuel Gonçalves, “o começo da execução não deverá ser antes do médio prazo”.

O economista recorda que o conjunto das economias africanas está num estado que não permite tomar todas as medidas para se criar um mercado comum. “Podem tomar-se medidas e criar novas premissas e pontos de partida”, refere.

O economista estima ser “importante” introduzir a diversificação nas várias economias que são viáveis e tornar viáveis as que não são. Conforme observa, uma grande parte das economias africanas não é viável, sendo que os países são pequenos, com mercados reduzidos e poucos recursos. Mas, ainda assim, nota que a ratificação “traz vantagens políticas e não isola Angola” do conjunto africano. “Isso dá a noção de pan-africanismo e ser África num contexto mundial. A criação de um grande mercado que passa a ser mundialmente tratado em termos colectivos. Alguns países já olham para





**A EMPRESÁRIA ISABEL DOS SANTOS** entende que a solução para a crise de Angola passa pela criação, pelo Estado, de um fundo para apoiar a economia, através do apoio ao empresariado.

África como se fosse um mercado só. Há países que constataam que as suas relações com os países individualmente têm um impacto muito pequeno nem representam nem 0.5%, mas, se somadas as 54 economias africanas, já dão um percentual importante”, sublinha.

Jonuel Gonçalves aconselha o reforço das entidades de integração regional com mais papel económico do que político e lembra que diversos mercados comuns começaram por sectores, sendo que a União Europeia começou com uma comunidade que se chamava de carvão do aço. “Angola pode, dentro deste projecto, propor que haja livre comércio de alguns produtos e não de outros. Para fasear por aí”.

O economista entende que uma das coisas que parece difícil no curto prazo é estabelecer um bom calendário para a redução das tarifas alfandegárias sem a qual não há livre troca. “Angola é um país que tem pensado pouco a sua economia mesmo a médio prazo. Vive no curto prazo dependendo dos preços internacionais e voltado para um só produto. Se esta noção de livre troca continental for realmente bem assimilada pelos deputados que votaram para a ratificação, devem tirar como primeira conclusão a feitura de um mercado angolano que seja competitivo e que contribua para o mercado continental. Mas só com o petróleo não vai contribuir, temos a ligação da construção das economias viáveis, Angola faz parte deste grupo. E, em segundo lugar, reforçar as entidades de integração regional e trabalhar bastante os calendários e as pessoas adequadas para gerir esses calendários”.

O especialista em Relações Internacionais Augusto Báfuabáfuá acredita, por sua vez, que Angola vai ganhar com este acordo dada a

sua extensão, as suas terras aráveis e férteis e a população que é “muito jovem e automaticamente consumidora”. “Angola, se conseguir colocar produtos com a mesma qualidade e quantidade que outros países do mundo e com preços reduzidos, pode ser competitiva”.

Báfuabáfuá defende que, quanto à integração, o país e o continente “não têm nada a perder”, referindo que “não se perde nada porque quem vai a um mercado vai para comprar e vender”. “Angola ainda é um grande comprador. Tem pouca produção interna. Há pouca compra pelo continente. A maioria das compras é proveniente da China, Europa alguma parte da América do Norte e do Sul. Mas, com esta aprovação do acordo, Angola vai comprar muito mais do continente. E, de forma paulatina, pode deixar de ser comprador, mas também comprador e vendedor”, sublinha.

Lembrando que África é o continente que menos trocas comerciais faz entre si, Báfuabáfuá nota que a média está entre os 15% e os 18%. “Esta mudança de paradigma pode proporcionar emprego aos africanos e a capacidade de criar indústrias africanas e para a exportação para outras partes do mundo e ninguém melhor do que os próprios africanos para produzirem produtos para África. Mas, para isso, tem de ser pensado e feito por africanos. Os outros continentes desenvolveram-se com produção local”, defende.

Para Báfuabáfuá, Angola “esteve bem nos últimos três anos por conseguir ultrapassar a ideia de ser um país fechado, que não interagia no comércio”, com a eliminação de vistos para quase todos os países da SADC. “Angola está a trabalhar nas barreiras aduaneiras, mas é necessário ultrapassar as tarifas e fazer com que os trans-

## MEMORIZE

● **O Acordo que cria a Zona de Comércio Livre Continental Africana** foi assinado em Março de 2018, em Kigali, pelos Estados membros da União Africana. O ministro das Relações Exteriores, Tété António considera que o lançamento da Zona constitui uma etapa crucial na integração económica africana.



Eugénio Costa, investigador CEI-IUL



Jonuel Gonçalves, economista

portes tenham infra-estruturas que façam com que os produtos sejam baratos e competitivos”.

## O GIGANTE QUE NÃO É TÃO GIGANTE

Em Angola, sempre se temeu os efeitos de uma maior abertura do país ao continente e principalmente na região austral por causa da economia sul-africana. Hoje, as opiniões continuam a divergir, mas já com mais vozes a admitirem que a África do Sul “não é a mesma por causa das constantes lutas políticas e sociais” e que “engolir Angola será tarefa árdua”.

Eugénio Costa Almeida considera “difícil” que a “potência angolana”. “Sei que há compatriotas nossos que não apreciam (não gostam mesmo) que eu diga que somos uma potência, ainda que com um ‘p’ pequeno”, realça. “Por razões distintas bem definidas, África do Sul já não é o ‘papão’ que era antigamente e concentrou-se, quase em exclusivo, no cone austral, bem austral, do continente”.

O investigador considera que Angola já é suficientemente crescida, com “voz bem activa no contexto africano, para ser um peão das imperativas vontades sul-africanas”.

Por seu lado, Jonuel Gonçalves está convencido de que Angola “pode fazer frente à África do Sul, em determinadas áreas e se definir bem os grandes eixos da diversificação que assenta no agro-alimentar”. “O receio de as economias pequenas serem engolidas existe, mas, se o mantivermos, a fragmentação vai continuar. Se um país como Angola diversificar a sua economia não vai ter receio de ser engolida por economias grandes como a sul-africana”, conclui.

Já Báfuabáfuá descarta a ideia de se temer que África do Sul possa

ser um “bicho papão” para Angola e aconselha as pessoas a ultrapassarem a “afrofobia”. “Temos medo desta invasão. A grande maioria dos produtos vendidos em Angola provém da China e de Portugal e ninguém fala disso. Angola ficou independente de Portugal do ponto de vista político, mas não económico. Ninguém fala dos produtos brasileiros que consumimos.”

## O QUE ANGOLA PODE VENDER

Para Báfuabáfuá, Angola pode vender “muita coisa”. Sendo “o mais fácil o petróleo, é possível vender produtos agrícolas em bruto e, mais tarde, transformados”.

Eugénio Costa Almeida alerta que o que “conta é a qualidade dos produtos”. O investigador recorda que, à partida, o país tem petróleo, mas que a Nigéria, a Líbia, a Argélia, a Guiné Equatorial e o Senegal também têm esse produto para exportar e circular pelo continente. E que também há muita oferta de diamantes pelo continente, mas que “Angola parte em vantagem por já transformar”. Cita também a madeira que há noutros países, como Moçambique, e provavelmente com menores custos de produção/extracção. Teremos de analisar, ponderar e aquilatar quais as nossas principais valências qualitativas para competirmos no futuro mercado interno continental. De momento, vejo muito poucas ou nenhuma”, sublinha.

Eugénio Costa Almeida faz uma comparação que minimiza a importância de Angola: “Se a Nigéria é um país em desenvolvimento, decréscimo do preço do crude, nosso principal factor indicativo para o OGE, coloca-nos em posição inferior aos nigerianos que não são necessária e totalmente mono-dependentes do crude como nós.”





# Entrevista

MARIA JOSÉ, VICE-PRESIDENTE DA ANAVI

## “O lobby do comércio prejudica a avicultura nacional”

Defende que os produtores nacionais não estão em condições de concorrer com os produtores africanos de ovo e frango, enquanto o país não for auto-suficiente na produção de ração. Vice-presidente da Associação Nacional de Avicultores de Angola, Maria José revela que os produtores de ovo têm dificuldade em adquirir o pouco milho produzido em Angola porque os produtores preferem transformar em fuba para exportar.

Por Fernando Francisco

A

Assembleia aprovou, recentemente, a resolução que aprova a ratificação da Zona Africana de Comércio

Livre. Como é que o sector avícola se prepara para os desafios que essa abertura impõe?

Primeiramente, é preciso notar que há desvantagens, já que ainda não temos uma economia estável. Se, de alguma forma, o Governo está a lutar para aumentar a produção local e diminuir as impor-



tações, não sei se, nesta fase, já seria vantajoso para nós a Zona Africana de Comércio Livre. Vai facilitar-nos na aquisição de matéria-prima. Somos um país com grande poten-

cial agrícola e avícola que não está a ser explorado e não sei se será vantajoso, porque o comércio em Angola tem um lobby muito forte. Estou nesta actividade há quase 17 anos e o problema tem sido

sempre o forte lobby dos importadores que prejudica, e muito, o trabalho do produtor. Trazem ovo, carne e frango.

**Mas, com abertura do mercado africano, os produtores nacionais também têm a possibilidade de ir em busca de novos mercados. Ou reconhece não haver essa capacidade?**

Uma boa parte destes importadores vem dos países de África, como Zimbábue e África do Sul. No mercado em que operamos, só a carne de frango é que está a vir da América Latina e de outras partes do mundo. O ovo, a grande maioria, vem da África do Sul. Se conseguirmos explorar o potencial que temos, sim, conseguiríamos exportar para mercados como o da República do Congo, que é um bom mercado. Sei que, no passado, já exportámos para países da região, mas muitos dos associados estão bastante cépticos com esta abertura.

**Está a dizer que, numa primeira fase, os produtos nacionais correm o risco de perder o mercado de ovos?**

Sobretudo de ovos, sim, porque, ultimamente, os ovos já estão mesmo a vir da África do Sul.

**E o que justifica a aposta no ovo da África do Sul. É mais barato?** É mais barato porque o custo de produção lá é mais baixo. Em Angola, é muito alto.

**A abertura do mercado vai concorrer para baixar o custo de importação da matéria-prima, o que poderá também baixar o custo de produção em Angola. Não?**

Temos mesmo de produzir os insumos cá como faz a África do Sul e o Zimbábue. O milho e a soja. Não temos esta produção internamente. Existem alguns produtores, mas preferem vender no mercado do Congo. O milho é transformado em fuba e vendido no Congo. O sector avícola quase que não abarca nada. Temos de ser auto-suficientes na produção de grãos como o milho e a soja. Depois podemos importar os outros insumos, aproveitando a Zona Africana de Comércio Livre.

**Receia que haja falências de produtores nacionais em consequência da abertura do mercado?**

*Estou nesta actividade há quase dezassete anos e o problema tem sido sempre o forte lobby dos importadores, prejudica, e muito, o trabalho do produtor.*

*Temos de ser auto-suficientes na produção de grãos como o milho e a soja. Depois, podemos importar os outros insumos, aproveitando-se a Zona Africana de Comércio Livre.*

*Estamos numa atitude de sobrevivência porque também não podemos estar a chorar constantemente pelo Estado, temos de encontrar uma solução.*

Há este risco. Como disse, para a fase inicial, corremos um grande risco por causa do lobby dos importadores. O Estado tem estado a criar condições para que estes produtores passem a

“Hoje se tiver que vender uma caixa de ovos pelo preço de produção, venderia a 23 mil kwanzas. Se dividir por trezentos e 70 ovos, terá o custo.”



Mário Mujetes © AE

#### PERFIL

Maria José tem 50 anos e é administradora das fazendas Avinova Empreendimentos Agrícolas e Terras Verdes, Empreendimentos Agrícolas desde 2005, ano de fundação das mesmas. Formada em Economia, é vice-presidente da Associação Nacional dos Avicultores, ANAVI, desde 2015

comprar aos produtores nacionais, mas eles sempre conseguem contornar.

#### O que há de capacidade instalada e de produção efectiva no país?

Fizemos um levantamento há três anos e, em 2017, cerca de

70% da nossa capacidade instalada já estava ociosa. Hoje, acho que quase ninguém está a produzir porque todos os dias temos produtores a desistirem porque o nosso Governo não enxerga o micro e pequeno produtor. É um Governo que olha mais para o macro, mas estes pequenos e

*Eu, por exemplo, tenho a fazenda a produzir 30% da capacidade. Tenho a capacidade para ter cento e 30 mil aves, mas só tenho quarenta mil.*

médios é que ajudam a fomentar a economia. O grande gargalo destes produtores é a ração, porque temos capacidade instalada. Eu, por exemplo, tenho a fazenda a produzir 30% da capacidade. Tenho a capacidade para ter 130 mil aves, mas só tenho 40 mil.

#### E quais são os números do mercado?

Não tenho o número exacto em mente, mas a capacidade instalada, com o investimento feito no âmbito do Angola Investe, é de cerca de quatro milhões de ovos por dia, mas estaremos a produzir perto de 700 mil ovos por dia. Em 2017, produzimos um

documento e mandámos para o Executivo. Nunca mais conseguimos reunir com produtores porque eles esperavam algo mais depois do levantamento. Naturalmente, eles estão desmoralizados e nós não temos moral para voltar a sentar com eles porque não conseguimos ainda resolver.

#### Há o risco de a Anavi acabar?

Estamos a fazer de tudo para ver se conseguimos resolver o problema dos nossos associados. Estamos a tentar montar algum consórcio com empresas que estão a produzir para ver se conseguimos a ração. O objectivo é ver se conseguimos produzir milho e soja, ver se conseguimos aliar-nos a alguns produtores de milho e soja. Procurámos algumas empresas, mas o preço a que vendem não é compatível.

#### E, certamente, o produtor do milho prefere exportar para o Congo por causa da garantia de divisas?

Claro. E, muitas vezes, o que fazem os importadores dos insumos? Importamos insumos com as divisas dadas pelo Governo, estes insumos vêm para Angola, produzem milho, transformam em fuba e vão vender para o Congo. Essa é a realidade que encontramos, depois de andarmos pelo país. Há milho, mas não vemos esta produção. Assim nunca vamos conseguir baixar o custo de produção do ovo.

#### Qual é o custo de produção em Angola?

Nós fazemos a conta por alto. Hoje, se tiver de vender uma caixa de ovos pelo preço de produção, teria de vender a 23 mil kwanzas. Se dividir por 370 ovos, terá o custo.

#### Está a dizer que estão a vender abaixo do custo de produção...

Estamos a vender abaixo do custo, estamos a ter prejuízos. Há dias em que os preços sobem e noutros baixam, mas estamos a ter prejuízos. Estamos numa atitude de sobrevivência porque também não podemos estar a chorar constantemente ao Estado, temos de encontrar uma solução. A nível da associação, estamos a dar voltas para encontrar soluções e apresentar ao Executivo. Mas sabemos qual é o problema, temos de ser auto-suficientes na produção do milho.



# Mercados & Negócios

## INCLUSÃO FINANCEIRA

# BNA acusado de tentativa de usurpação dos direitos de criação do Xikila Money



Mário Mujetes © VE

**BANCA.** Especialistas que trabalharam na montagem do Xikila Money não acreditam em coincidências, referindo-se à forma como o banco central tem lançado serviços que já existiam como se de novos se tratasse. Contas simplificadas e agentes bancários entre as suspeitas.

Por César Silveira

A ideia original de algumas das mais recentes inovações anunciadas pelo Banco Nacional de Angola (BNA), tendo em conta a inclusão financeira, está a ser reclamada por técnicos que estiveram envolvidos na montagem do Xikila Money, um

dos segmentos de negócio do Banco Postal que teve a sua licença revogada em Abril de 2019.

Entre as inovações reclamadas, destaca-se a abertura de contas bancárias simplificadas que o BNA apresentou na semana passada através do aviso onde também permite que comerciantes informais possam ter acesso ao Terminal de Pagamento Automático (TPA). Esta, entretanto, outra inovação reclamada. O BNA, através do aviso 12/2020, justifica as referidas medidas com “a promoção

### MEMORIZE

● **Lançado em 2017**, o Xikila Money foi a primeira unidade de negócio do Banco Postal que viu a sua licença revogada pelo Banco Nacional de Angola em 2019.

da inclusão financeira”.

No entanto, as pessoas que reclamam o direito pela criatividade destes serviços consideram

existir, no aviso do BNA, uma “clara falta de honestidade intelectual” e desejo expresso de apagar o que foi feito pelo Xikila Money que, “desde o início, já disponibilizava uma abertura de conta simplificada, baseada na recolha de impressão digital, foto e um pin”.

“À data de encerramento do Xikila Money, a sua rede ‘Paga Aqui’ era composta por mais de 1.200 estabelecimentos comerciais e já era visível como opção de pagamento nos mercados informais”, lembram, em comparação à medida do BNA que permite o uso de TPA por comerciantes informais.

E acrescentam, sob a condição de não serem identificados, que “o BNA não pode agora vir anunciar as coisas como se fossem totalmente novas no mercado”.

Posteriormente, num rascunho

elaborado para realçar as coincidências, interrogam “o que é que o Xikila Money estava a fazer então?” quando analisam o lançamento do concurso público pelo BNA para encontrar uma instituição para operar o sistema de transferências móveis ‘Mobile Money’.

Anunciada em Agosto de 2019 pelo BNA, a possibilidade de abertura de conta por via do telemóvel sem necessidade de deslocação a agências bancárias é outro serviço que espelha, segundo os técnicos já referidos, a intenção de se apagar tudo o que foi feito pelo Xikila Money. “O BNA esqueceu-se de mencionar que o Xikila Money, quando foi inaugurado em 2017, permitia a abertura de conta com o número de telefone, sendo o número de telefone o número da conta com o Iban associado. À data do seu encerramento, já contava com mais de 300 mil clientes”, argumentam.

O resultado do referido concurso, observam, poderá ser determinante para concluir se se trata apenas de coincidências ou se a forma de agir do BNA está diretamente ligada à decisão de “destruição do projecto Xikila Money, cuja montagem custou milhões e milhões de dólares”. “Se a entidade vencedora deste concurso for alguma ligada ao BAI, que tem Massano entre os accionistas, então, infelizmente, vamos ser obrigados a admitir que não se trata de coincidência”, antecipam-se.

O Xikila Money, lançado em Março de 2017, foi a primeira unidade de negócio disponibilizado pelo Banco Postal que tinha como accionistas a Empresa Nacional de Correios e Telégrafos de Angola, a Ensa Seguros de Angola, o Grupo Ensa – Participações e Investimentos, a EGM Capital e a C8 Capital. A instituição apresentava-se como fornecedora de “instrumentos e ferramentas que permitiam que os angolanos, principalmente aqueles que se encontram excluídos do sistema financeiro, fossem dotados de personalidade financeira como um direito fundamental”.

O Comércio & Empresários (C&E) era a outra unidade de negócio do banco e era apresentada como “complemento do Xikila Money”, visto que permitia transações aos clientes cujo volume de depósito e respectivas necessidades já não se enquadravam nos limites do Xikila Money. O VALOR tentou, mas sem sucesso, um pronunciamento do BNA.



NO PRIMEIRO TRIMESTRE DO ANO

# BAI lidera em queixas dos clientes

Por Redacção

O BAI é, entre os privados, a instituição bancária mais denunciada por clientes ao longo do primeiro trimestre do ano, indicam dados divulgados pelo Banco Nacional de Angola (BNA).

Com um total de 96 reclamações, o banco liderado por Luís Lélis só é superado, no mapa global, pelo público BPC, que contabilizou, no mesmo período, 171 reclamações, números que, somados, representam 0,01% do volume de clientes dos dois bancos.

Contas de depósitos à ordem, ATM e TPA, seguindo-se as transferências, lideram as razões das queixas contra o BPC, enquanto, no BAI, as reclamações se centram nas transferências, nas contas de depósito à ordem e nos cartões de débito.

O BFA e o Banco Millennium Atlântico (BMA), com 87 e 68, respectivamente, seguem-se no ranking das instituições cujos clientes apresentaram o maior número de queixas ao BNA. No caso destas instituições, a taxa de reclamações representa para cada uma 0,04% do número de clientes.

No caso do BFA, as contas de depósito à ordem aparecem na liderança das reclamações, seguindo-se as transferências e as operações no estrangeiro. Transferências, contas de depósito à ordem e operações cambiais dominam, por sua vez, as queixas contra o Millennium Atlântico. O BIC, com 53 reclamações, e o Banco Sol, com 40, seguem-se no ranking.

No global, o BNA registou 515 reclamações, representando um incremento de 178,28% face ao período homólogo em que foram registadas 221 reclamações. Apesar do aumento, o regulador considera “ainda muito incipiente” o número de reclamações, já que representa “somente 0,005%” num universo de mais de 12,2 milhões

**SUPERVISÃO.** Transferências para as contas de depósito à ordem e para os cartões de débito destacam-se entre as denúncias dos clientes. No conjunto, o público BPC é o mais contestado.



# 515

Número de reclamações que o BNA recebeu no 1º trimestre de 2020 dos clientes dos diversos bancos.

de contas.

De forma desagregada, as transferências, com 1.893 casos, e os depósitos à ordem, com 158, lideram as reclamações registadas pelo BNA, representando, no

conjunto, cerca de 57% do total das queixas.

Operações não efectuadas, morosidade nas operações e disponibilização dos valores destacam-se entre as queixas em relação às transferências, enquanto, no caso dos depósitos à ordem, os problemas passam, sobretudo, pela movimentação indevida de valores, disponibilização de valores e comissões/despesas.

Além do recurso ao portal, os clientes podem ainda apresentar as queixas directamente no BNA, que obriga ainda os bancos a apresentarem as reclamações feitas pelos clientes nas diferentes agências.

No entanto, entre os processos sancionatórios aplicados pelo BNA, no primeiro trimestre de 2020, constam dois pelo incumprimento do dever de reporte sobre as reclamações. Banco promete avaliar dados do BNA

O BAI promete avaliar os dados do Banco Nacional de Angola “de forma a permitir, por um lado, identificar as oportunidades de melhoria nos produtos e serviços prestados e, por outro lado, tornar os processos internos mais eficientes”.

“O banco encontra-se hoje presente em todas províncias do país e possui na sua carteira mais de um milhão de clientes

e uma média semanal de visitas aos balcões de mais de cem mil clientes. Admitimos a ocorrência de falhas perante um grande volume de solicitações e valorizamos as oportunidades de melhoria”, responde através do gabinete de comunicação da instituição.

Perante a referida possibilidade, acrescenta, “o banco implementou, há mais de dez anos, em conformidade com a regulamentação do Banco Nacional de Angola, o sistema de recepção, análise e tratamento das reclamações dos clientes. Os dados estatísticos gerados são alvo de acções para a melhoria dos serviços prestados diariamente”.

# Mercados & Negócios

DEPOIS DE QUASE UM ANO DE NEGOCIAÇÃO

# Eventuais da Sonangol recebem primeiro salário como efectivos

**REMUNERAÇÃO.** Colaboradores vêm seus ordenados disparar em mais de 650%. Durante maratona de negociações com a CGSILA, Sonangol optou por não divulgar quanto poderá custar o aumento dos salários os cofres da companhia. Secretário-geral do sindicato espera que a empresa cumpra também com o pagamento dos retroactivos.

Por Antunes Zongo

**O**s então trabalhadores eventuais das subsidiárias da Sonangol receberam, no início de Maio, o primeiro ordenado como efectivos, em cumprimento do decreto presidencial sobre a prestação de serviços às empresas públicas, terminando, assim, o diferendo de quase um ano com a petrolífera.

Segundo apurou o VALOR, os salários dos então eventuais, antes fixados entre 60 mil e 80 mil kwanzas, passaram para entre 500 mil e 600 mil kwanzas, representando um aumento de cerca de 650%.

À semelhança de alguns efec-

tivos já antigos, boa parte dos eventuais poderá ver o ordenado aproximar-se dos 1,2 milhões de kwanzas, face às diferenças dos subsídios de cada área. Ao VALOR, Francisco Jacinto, secretário-geral da Central Geral de Sindicatos Independentes e Livres de Angola (CGSILA), manifesta-se “parcialmente satisfeito” pelo início do processo de actualização dos salários dos seus associados na companhia, mas apela para o cumprimento do pagamento dos retroactivos.

“O processo não está totalmente concluído, falta ainda o cumprimento de algumas exigências. Se não fosse a situação do isolamento social, teríamos já reunido uma assembleia de trabalhadores para a tomada de novas decisões”, sublinha Francisco Jacinto.

Entre outras, o líder sindical manifesta-se preocupado com a situação dos operadores da área



Mário Mujetes © VE

## MEMORIZE

● O diferendo entre os trabalhadores eventuais com a direcção da petrolífera estatal remonta a 2018, período em que os colaboradores passaram a exigir o cumprimento do decreto presidencial 31/17.

de condução da Sonangol Distribuidora, que, além de não terem ascendido a efectivos, correm o

# 80

Mil kwanzas. Valor do salário máximo dos trabalhadores antes de passarem a colaboradores efectivos da Sonangol.

# 2018

Ano em que os colaboradores passaram a exigir o cumprimento do decreto presidencial 31/17.

risco de serem despedidos face à alegada pretensão da companhia de extinguir a área.

O diferendo entre os trabalhadores eventuais e a direcção da petrolífera estatal remonta a 2018, período em que os colaboradores passaram a exigir o cumprimento do decreto presidencial 31/17.

De acordo com o diploma, toda a pessoa que presta serviço à empresa pública durante dois anos ininterruptos passa a efectivo automaticamente. Apesar de boa parte desses colaboradores prestarem serviços à Sonangol desde 2008 e 2011, a petrolífera negava-se a efectivá-los.

Além da efectividade, os eventuais também reivindicavam o pagamento de retroactivos. Ou seja, os contratos, em respeito à lei que rege o sector

petrolífero, determinam que os salários devem ser pagos em kwanzas, mas de acordo com as oscilações cambiais. Em contramão, as subsidiárias da Sonangol pagavam segundo o câmbio de 2010, em que 100 dólares valiam 10 mil kwanzas.

## SONAGÁS INICIOU REIVINDICAÇÕES

As exigências para a efectividade e retroactivos foram iniciadas pelos trabalhadores eventuais da Sonagás, a subsidiária responsável pela produção e distribuição de gás butano. Um ano depois, a reivindicação foi abraçada por eventuais de outras subsidiárias, com destaque para a Sonangol Distribuidora e Sonangol Shipping.

Durante as negociações com a CGSILA, a Sonangol alegava não ter disponibilidade financeira para efectivar os eventuais, mas mantinha contratos com diferentes prestadoras, como a Angola Offshore, Inter-Service e outras, de que os eventuais inicialmente faziam parte. Ou seja, no final de cada mês, a Sonangol pagava às empresas prestadoras e essas pagavam os salários aos trabalhadores.

Entretanto, visando compreender a lógica da argumentação da companhia, a CGSILA procurou saber junto da entidade sobre quanto significaria para os cofres da Sonangol a suspensão dos contratos com as empresas prestadoras e a integração dos trabalhadores, mas a petrolífera optou por não esclarecer esse assunto, nem para a CGSILA, nem para a imprensa.



**O LUCRO DO ABANCA**, banco espanhol que se prepara para coprar o Eurobic, desceu 13,2% para 127 milhões de euros no primeiro trimestre do ano, com o resultado da provisão extraordinária de 78 milhões de euros para fazer face à incerteza criada pela pandemia de Covid-19.



Mário Mujetes © VE

TAAG ESPERA RECEBER NOVOS DASH8-400S DO CANADÁ

# Reforço da frota previsto para Julho

**AVIAÇÃO.** Primeira aeronave tinha chegada prevista para Março e a segunda estaria no país desde o mês passado. Até antes do final do ano, a TAAG passaria a ter as seis aeronaves na frota, mas a pandemia da covid-19 alterou a programação e, na melhor das hipóteses, a primeira chega em Julho.

Por César Silveira

Com chegadas inicialmente marcadas para Março e Abril, as duas primeiras aeronaves do tipo Dash8-400s da TAAG podem aterrar em Angola entre Junho e Julho, previsões que ainda podem ser alteradas em função do desenvolvimento da pandemia da covid-19 tanto em Angola como no Canadá, segundo fonte

do Ministério dos Transportes.

“O Canadá também entrou em estado de emergência como nós e a linha de produção paralisou praticamente. Então estamos a discutir novo calendário com o fabricante e, em princípio, só devem chegar entre meados de Junho e Julho”, explica.

As aeronaves fazem parte de um lote de seis e na previsão inicial todas estariam no país até ao final do ano, programa que agora está dependente da evolução da situação da pandemia nos dois países. “Estamos a discutir, temos estado a dialogar dia sim, dia não,

mas vai depender do nível de evolução da situação nos dois países. Se vão ou não prorrogar o estado de emergência, ainda existe muita indecisão”, acrescenta.

A aposta nas aeronaves do tipo Dash8-400s é parte da estratégia para tornar mais rentável a operação doméstica. Plano que esteve para arrancar no modelo de parceria público-privada com o projecto Angola Air Connection, abortado pelo Presidente João Lourenço. Alguns dos privados que faziam parte do consórcio, sempre que podem, acusam o Governo de se ter aproveitado de um projecto que nasceu como parceria público-privada. Versão, entretanto, desmentida pelo quadro sénior do Ministério dos Transportes, garantindo que se trata de “um projecto da TAAG que nasceu dentro da TAAG e foi depois retirado para se idealizar a Air Connection, como falhou, o projecto voltou para a TAAG”. “É um projecto antigo só que nunca avançou porque ainda não era altura. Depois,

o então ministro Augusto Tomás, ou melhor, o próprio Governo pensou que seria melhor avançar em parceria público-privada. Avançou-se conforme se avançou, mas depois mudou o governo e o Presidente João Lourenço mandou cancelar e o projecto voltou para a TAAG outra vez. Muitas pessoas desconhecem isso, porque também nunca tinha sido tornado público antes”, explicou.

Confrontado sobre o modelo que melhor garantiria maior viabilidade económica, considerou “muito discutível”, destacando como principal desvantagem do modelo de parceria público-privada a suposta falta de disponibilidade financeira de grande parte dos privados que fazia parte do consórcio. “Não tinham dinheiro nenhum para investir, estavam quase todos à espera que o Estado injectasse o dinheiro. Agora, em termos de negócio, gestão do projecto, é tudo muito discutível”, respondeu, quando interrogado se o modelo de parceria público-privada

não seria mais ajustado, sobretudo por a companhia estar entre os activos a serem privatizados. Muitas vezes, por exemplo, têm criticado a estratégia do Governo de recapitalizar a empresa para depois privatizá-la parcialmente.

## UM NEGÓCIO DE AVANÇOS E RECUOS

Além das aeronaves do tipo Dash8-400s, a TAAG também terá a frota reforçada com novas aeronaves da Boeing. O dossier de reforço da frota da companhia ficou marcado por decisões de avanços e recuos de João Lourenço. Em Janeiro de 2019, o Presidente da República autorizou a aquisição das aeronaves, justificando-se com o programa de reestruturação da companhia para, em Abril, cancelar a compra. Entretanto, as negociações continuaram sem o Presidente revogar a decisão de cancelar a compra. Mas, no mês passado, aprovou uma garantia soberana de 118 milhões de dólares para a aquisição das aeronaves Dash8-400s.

# (In)formalizando

LANÇAMENTO FIELD RIGHT 'PENDURADO' PELA PANDEMIA

# Startup quer aproximar produtores dos consumidores

**LOGÍSTICA.** Startup projecta investimento inicial de até 50 mil dólares para lançar aplicativo que pretende aproximar produtores dos consumidores. Cadastramentos na plataforma já começaram.

Por Guilherme Francisco

## MEMORIZE

- O investimento inicial para operar no país está a volta de 30 a 50 mil dólares, valores que poderão aumentar devido a oscilação constante do mercado financeiro.

C om o propósito de conectar o pequeno agricultor aos diversos compradores em todo o país e facilitar o escoamento dos produtos, a empresa angolana Field Right criou uma plataforma de acesso gratuito com o mesmo nome.

Alexandre Sérgio Manganda, CEO da empresa, explica que o cadastramento dos agricultores é feito em tempo real, com detalhes da zona de produção e dos produtos cultivados, possibilitando a qualquer comprador fazer reserva a partir da plataforma.

Além de permitir a venda, a empresa fará as entregas dos produtos aos compradores e deverá ceder especialistas em agronomia para o acompanhamento e instrução do processo de produção, o que justifica, segundo Alexandre Manganda, a aplicação de uma taxa de 15% aos agricultores por cada venda feita.

“Segundo o estudo que fizemos, para dar os primeiros passos em Angola, o investimento está avaliado em 30 a 50 mil dólares porque a nossa moeda está cada vez mais desvalorizada, temos de adquirir transportes para a entrega dos produtos”, calcula o gestor, referindo-se às necessidades iniciais de investimento.

Mesmo sem entrar ainda em funcionamento em Angola, cinco famílias camponesas e 13 fazendeiros estão já cadastrados na plataforma. O processo está aberto ao público, admitindo desde proprietários de lavras, fazendas a compradores.

Nas contas dos seus promotores, a plataforma facilitará ainda o intercâmbio comercial com o Brasil, permitindo a exportação de produtos nacionais, “isso pelo



Mário Nujtes © VE

nível considerável de utilização da plataforma neste país sul-americano”. O seu lançamento em Angola está, entretanto, condicionado à evolução da covid-19.

A ideia da plataforma surgiu em 2017, tendo sido materializada em 2018 no Brasil, após

conquistar o prémio startup de Santa Catarina, com o investimento inicial de 150 mil reais (28,8 mil dólares). Actualmente, congrega, naquele país, 65 produtores agrícolas e mais de 35 unidades de restaurantes compradores e famílias.

## APOSTA NO DIGITAL

## Empresas do sector da formação ajustam-se ao paradigma

De portas fechadas devido a pandemia covid-19, empresas ligadas ao ramo da formação procuram tirar proveito das novas tecnologias com vista a redução do impacto financeiro. A pandemia do novo coronavírus alterou a dinâmica das empresas de formação, de portas fechadas a caminho de dois meses para evitar a propagação da doença, muitas recorrem às plataformas digitais e internet para continuar a exercer a actividade formativa. A exemplo disso, são as empresas UniGest e JALUMA.

De acordo Valdemar Dulo, CEO da Unigest, a digitalização da formação suaviza a perda causada com o encerramento da formação presencial e marca o início de um novo período que comandará a vida das pessoas obrigadas ao confinamento. Em jeito de experimentação ministrou no mês passado nove cursos online em Administração e Gestão, tendo conseguido a participação de cerca de 1.250 formandos. Quase o mesmo número participa agora em formações de carácter comercial ministradas nas diferentes plataformas digitais.

O mesmo caminho tomou a JALUMA, apesar de catalogar um investimento avultado para garantir a formação online, o CEO Venceslau Felizardo Singoyombe, considera a iniciativa nestes tempos de ter cunho social, pelo facto de cobrar preços não superiores a 10 mil kwanzas, de modo a “oferecer formação qualitativa àqueles que não têm condições financeiras neste momento de quarentena.”

Guilherme Francisco



# Taça Cheia



**96.1 fm**

Rádio Essencial

Todos os  
sábados,  
às 22:00,  
com  
**Sebastião  
Vemba**

## DEJURE

DEBATE VAI DECORRER ATÉ AMANHÃ

# AN discute Estatuto da Provedoria de Justiça

**LEGISLAÇÃO.** Diploma visa otimizar quadro da organização e funcionamento da Provedoria de Justiça, conferindo-lhe independência, recursos e capacidade para prossecução das atribuições institucionais.

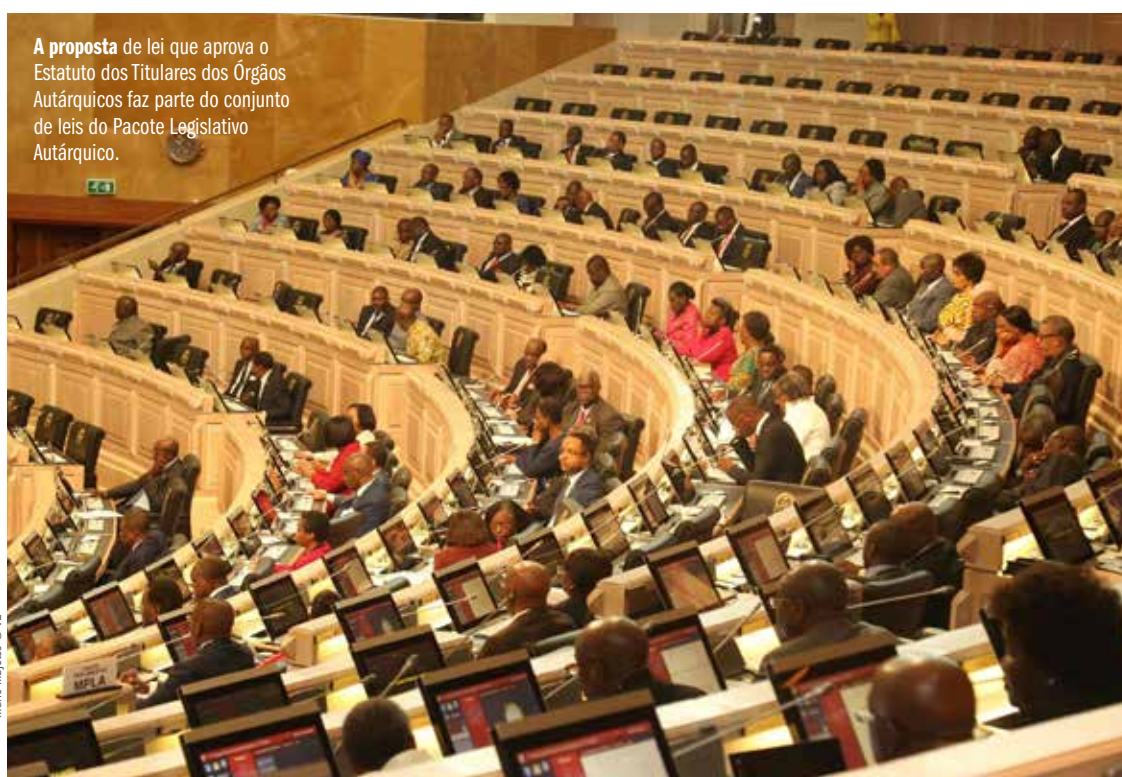
Por Suely de Melo

**A**s propostas de Leis do Estatuto da Provedoria de Justiça e Orgânica do Provedor de Justiça começaram a ser analisadas, na especialidade, esta segunda-feira, pelas comissões de trabalho especializadas da Assembleia Nacional (AN).

Os dois diplomas, que foram aprovados na generalidade, em Fevereiro, por unanimidade, de modo a ajustá-los ao quadro jurídico-constitucional vigente, são de iniciativa legislativa do Presidente da República, enquanto Titular do Poder Executivo, e resultam de um longo processo de articulação, com o propósito de conferir a estes órgãos um regime ajustado ao actual panorama jurídico-constitucional.

Segundo o secretário de Estado da Justiça, Orlando Fernandes, a par da conformação constitucional, os documentos visam, igualmente, otimizar o quadro da organização e funcionamento da Provedoria de Justiça, conferindo-lhe independência, recursos e capacidade para a prossecução das respectivas atribuições institucionais.

“Estamos convencidos de que as propostas de Lei são suficiente-



A proposta de lei que aprova o Estatuto dos Titulares dos Órgãos Autárquicos faz parte do conjunto de leis do Pacote Legislativo Autárquico.

mente equilibradas e respondem às necessidades actuais de organização e funcionamento desses entes”, salientou.

O Provedor de Justiça é uma entidade pública independente cujo papel é defender os direitos, liberdades e garantias dos cidadãos, assegurando, através dos meios informais, a justiça e a legalidade da actividade da administração pública.

Com um mandato de cinco anos, renovável apenas uma vez, o Provedor de Justiça é eleito pela Assembleia Nacional, por deliberação da maioria absoluta dos

deputados em efectividade de funções e é empossado, em plenário, perante o presidente da Assembleia Nacional.

## ÓRGÃOS AUTÁRQUICOS

Ainda esta segunda-feira, estão agendadas discussões sobre as propostas de Leis sobre o Regime Geral da Cooperação Interautárquica e a que aprova o Estatuto dos Titulares dos Órgãos Autárquicos.

Os dois documentos, cuja discussão se estende até amanhã, terça-feira (5), pelas comissões de trabalho especializadas, rece-

## MEMORIZE

● **O Provedor de Justiça** é uma entidade pública independente cujo papel é defender os direitos, liberdades e garantias dos cidadãos, assegurando, através dos meios informais, a justiça e a legalidade da actividade da administração pública.

beram voto favorável dos parlamentares, na semana passada, durante o debate e votação na generalidade.



ATÉ 3 ANOS DE PRISÃO

## Sudão criminaliza mutilação genital

O governo sudanês prepara-se para aprovar uma lei que criminaliza a mutilação genital feminina, uma prática profundamente enraizada naquele país.

O porta-voz do primeiro-ministro, Al Barag al Nazir, disse à agência Efe que a lei será aprovada “no final desta semana ou no início da próxima”, quando o Conselho de Ministros e o Conselho Sobe-rano estiverem reunidos.

O projecto de lei aprovado pelo governo a 22 de Abril estipula “uma sentença de três anos de prisão” para quem pratica, além da retirada da licença do hospital, centro de saúde ou clínica particular onde a operação foi realizada.

De acordo com as Nações Unidas, o Sudão é um dos países onde a mutilação genital é mais praticada, com 86,6% das mulheres entre os 15 e os 49 anos submetidas a essa operação.

Até agora, na lei do Sudão, a mutilação genital não é penalizada, embora o Conselho Estadual da Criança do governo tenha apresentado uma proposta, em 2017, para criminalizar a ablação.

Pelo menos 200 milhões de mulheres e meninas em todo o mundo foram submetidas à mutilação total ou parcial de órgãos genitais por razões não médicas em pelo menos 30 países, segundo a ONU.



ERIC YUAN, CRIADOR DO ZOOM

# Ganha 4 Mil milhões USD em 3 meses

**INOVAÇÃO.** Apesar da miséria económica colectiva, uns quantos eleitos têm visto as suas fortunas aumentar com a pandemia e em resultado da mesma. Um deles é Eric Yuan o criador da aplicação de videoconferência Zoom, cuja criação se deve à história de amor da sua vida.

**C**om 19 anos e separado da namorada por uma viagem de comboio de 10 horas na China, o jovem Eric Yuan pensou em como seria bom ter como carregar num botão e instantaneamente falar com ela e sentir-se próximo. Hoje, com 51 anos, casado desde os 22 e com 3 filhos com a mulher que inspirou o Zoom, Yuan vê a sua ideia passar a marca de 200 milhões de usuários e no ranking de terceira app mais descarregada da Applestore.

Escritórios, escolas, universidades, ginásios, partidos políticos, todos se voltam para a aplicação que permite 100 usuários na mesma reunião online, que oferece estabilidade e facilidade de uso e que durante a quarentena se tornou o recurso de trabalho à distância de preferência da maioria.

O resultado foi um salto de

77% em bolsa mesmo em cenário de mercados no vermelho e registos com mais de 343 mil downloads num só dia. Desde dezembro que o uso da aplicação disparou 1,900% e rendeu mais de quatro mil milhões de USD.

Eric Yuan, nascido na província chinesa Shandong, mudou-se em 1997 para Silicon Valley, inspirado por Bill Gates, depois de estudar matemática aplicada e engenharia de minas na Universidade de Minas e Tecnologia da China e ingressou na WebEx como codificador. A empresa foi adquirida pelo conglomerado de tecnologias Cisco System e Yuan chegou a vice-presidente de engenharia, até que em 2011 apresentou à empresa a sua ideia para um sistema de videoconferência de fácil uso via smartphone ou computador.

A ideia foi rejeitada porque a Cisco considerou o mercado saturado e Eric Yuan, mesmo contra o conselho da sua mulher, saiu para

fundar a Zoom Video Communications, que apesar do início difícil, sem investidores, fez a aventura e o investimento pessoal valerem a aposta. Em 2019, a Cisco percebeu o erro de deixar Yuan e a sua ideia fugirem e a Zoom entrou triunfante em bolsa fazendo de Yuan bilionário.

Durante o boom da Zoom, nem tudo foram 'rosas' e surgiram problemas de privacidade de dados que levaram a um maior escrutínio da segurança da aplicação e a algumas críticas a que Yuan respondeu com um reconhecimento, pedido de desculpas e rectificação atempada das falhas.

Vencedor de prémios de gestão em 2018, depois de passar por todos os departamentos da companhia que criou e de até responder pessoalmente a clientes dissastisfeitos, o CEO da Zoom, que em 2020 passou a ocupar o lugar 192 da lista dos 500 mais ricos do planeta, não se mostra deslumbrado



Mário Mujetes © VE

Em 2019, a Cisco percebeu o erro de deixar Yuan e a sua ideia fugirem e a Zoom entrou triunfante em bolsa fazendo de Yuan bilionário.

pelo sucesso. Diz que “o dinheiro não traz felicidade” e que é preciso fazer mais mantendo o motto “trabalhar no duro e manter a humildade” e vê o trabalho à distância a ocupar um lugar cada vez mais importante na vida das empresas.

# Opiniões

**TRANSCOOP**  
Transportes Rodoviários

AGILIDADE, CONFORTO, SEGURANÇA E EXCLUSIVIDADE



**SERVIÇO  
PERSONALIZADO COM  
CONFORTO E  
SEGURANÇA**

O TAXÍMETRO SÓ SERÁ LIGADO  
NO LOCAL DA CHAMADA



Rua 21 de Janeiro, Bairro Rocha Pinto, Luanda

Call center

(+244) 947 992 829

(+244) 993 091 599

Trabalhamos com multicaixa



## O sentimento dos investidores em ambiente de pandemia



Miguel Farinha,  
Partner EY, Trans-  
action Advisory  
Services

A actual pandemia trouxe novas vulnerabilidades e novos desafios. O impacto total nas receitas e na rentabilidade das empresas, em toda a cadeia de valor, é ainda altamente incerto. Quando a situação se tornar mais clara, as empresas farão movimentos mais rápidos do que nunca para reformular e reinventar os negócios. Depois do 'agora' e do 'a seguir', as empresas acabarão por se concentrar no 'além' – activando a transformação, incluindo a reconfiguração da alocação de capital e do portfólio de investimentos e negócios. Espera-se também que daqui resulte a aceleração de processos de fusões e aquisições.

Tudo mudou – 73% dos executivos entrevistados no Global Capital Confidence Barometer acredita que a actual pandemia vá ter um impacto severo na economia global. Para a grande maioria das empresas, lidar com o que está a acontecer agora é a única preocupação.

Mas, como acontece com os governos nesta crise, os executivos não podem ser apenas reactivos – terão também de planear com antecedência e antecipar o que virá depois.

Muitas empresas já tinham em curso grandes iniciativas de transformação. Estas podem ser pausadas ou desaceleradas devido à situação actual, mas recomençarão eventualmente – e muito provavelmente com mais ênfase e urgência. Os investidores já vinham a aumentar a frequência e qualidade dos processos de revisão de estratégia e de carteira. Isso continuará, cada vez mais baseado na utilização de dados para entender as rápidas mudanças do mercado e a evolução do cenário competitivo.

Espera-se também assistir à maior frequência nos exercícios

de reequilíbrio de carteiras de activos, com as aquisições e alienações como ferramentas essenciais para pensar além da crise e para acelerar a recuperação. Antes do início da crise, mais de metade das empresas pretendia fazer aquisições para aumentar as oportunidades de crescimento. Alguns destes negócios ainda vão acontecer, outros serão adiados. No entanto, as lições aprendidas com a crise de 2008-12 mostram que aquela foi uma oportunidade para quem fez aquisições de activos de alta qualidade que foram instrumentais para alcançar crescimentos acima da média global do mercado.

Devemos responder com urgência ao que se passa agora, prepararmo-nos para o que vem a seguir e pensar depois no que virá para além disso. A 22.ª edição do Global Capital Confidence Barometer dá conta do sentimento global dos investidores face ao actual momento de incerteza e explica por que razão as fusões e aquisições vão continuar a ser uma ferramenta importante para alimentar um crescimento mais rápido num mercado em recuperação.



“É provável que a difusão tecnológica também acelere, não por causa das condições nos mercados internos, mas por causa da necessidade de competir nos mercados globais.”

# A urgência letal do agora



Gordon Brown

“Este não é um episódio único e discreto”, alertou Jeremy Farrar, diretor da instituição Wellcome Trust. “Esta é, agora, uma infecção humana endêmica”

O covid-19, tal como sugere Farrar, não conhece fronteiras geográficas, políticas ou outras. Deve-se aplicar o mesmo critério aos nossos esforços para derrotá-lo. Ninguém pode estar verdadeiramente seguro a menos que a doença seja combatida onde quer que ocorra. Para evitar o que muitos cientistas agora temem – uma segunda vaga da pandemia no final deste ano – temos de agir urgentemente onde a necessidade é mais urgente: nos países mais pobres do mundo. Tal como Abiy Ahmed, primeiro-ministro da Etiópia e vencedor do Prêmio Nobel da Paz, alertou, se o coronavírus assolar o continente de África, vai voltar para nos assombrar a todos.

Abiy não está a minimizar a ameaça. As Nações Unidas estimam que o covid-19 poderá custar entre 300 mil e três milhões de vidas em África. Além disso, cerca de 130 milhões de pessoas em todo o mundo poderão ser empurradas para o limiar da fome devido a uma quebra nas cadeias de abastecimento globais.

Uma estratégia bem-sucedida para vencer esta pandemia requer testes, tratamentos e uma vacina. E se os países em desenvolvimento não puderem combater o vírus de forma eficaz, poderemos ficar impotentes para evitar novos surtos em todo o mundo.

Esse risco é visivelmente real. Dos 45 países da África Subsaariana, 34 gastam menos de 200 dólares ‘per capita’ anualmente em cuidados de saúde. Em cinco países, os gastos com saúde são inferiores a 50 dóla-



Mário Mujica © VE

**As Nações Unidas estimam que o covid-19 poderá custar entre 300 mil e três milhões de vidas em África. Além disso, cerca de 130 milhões de pessoas em todo o mundo poderão ser empurradas para o limiar da fome devido a uma quebra nas cadeias de abastecimento globais.**

res. Os países têm pouco equipamentos de teste, poucos ventiladores (ou nenhum), produtos médicos limitados e, muitas vezes, saneamento precário e água corrente insuficiente.

Além disso, os trabalhadores não podem depender de redes de segurança social para os apoiar durante a pandemia. Enfrentam, portanto, uma escolha fatal: ir trabalhar e correr o risco de contrair a doença ou ficar em casa e correr o risco de mor-

rer à fome. Isso dificulta que esses países usem as ferramentas disponíveis para as economias mais ricas, como distanciamento social, isolamento e lavagem regular das mãos.

Se quisermos travar a covid-19, as nossas intervenções serão tão eficazes quanto o elo mais fraco na cadeia global. Por isso, se algum problema for candidato a uma ação global multilateral, então tem de ser a nossa resposta a esta pandemia. A saúde de cada um depende da saúde de todos. As soluções locais em todos os lados dependem inteiramente da resposta mundial.

Temos de proibir o repugnante ‘nacionalismo de vacinas’ que parece estar a instalar-se. A restrição de novas vacinas para aqueles que podem pagar vai condenar milhões a enfrentar várias vagas da doença. Temos também de reprimir a pirataria médica, pela qual alguns países procuram monopolizar ‘kits’ de teste, ventiladores e equipamentos de protecção individual por quaisquer meios, em vez de se unirem a um esforço internacional coordenado para aumentar o seu abastecimento global.

Os líderes mundiais têm de decidir financiar uma investigação internacional colaborativa para encontrar uma vacina e a sua produção em

massa e preparar um esforço conjunto para aumentar a nossa capacidade de produzir produtos médicos. E têm de apoiar os países em desenvolvimento no momento de maior necessidade, que é agora.

Os principais especialistas em saúde do mundo dizem-nos que precisamos de oito mil milhões de dólares só nesta primavera para ajudar a erradicar a covid-19. Isso equivale a apenas um dólar por cada pessoa no mundo – e uma fracção dos estimados 14 biliões de dólares que já foram atribuídos para lidar com as consequências da pandemia. É chocante que, enquanto temos visto generosidade individual e corporativa em resposta à covid-19, os governos até agora não tenham conseguido financiar totalmente essa iniciativa de saúde global mesmo com essa quantia modesta.

Mais, Donald Trump suspendeu o financiamento dos EUA da Organização Mundial de Saúde. E, após a cimeira virtual de 19 de Abril dos ministros da Saúde do G20, o vice-secretário de Saúde e Serviços Humanos dos EUA não pôde assinar uma declaração conjunta a prometer o que Trump já tinha acordado na cimeira dos líderes do G20 a 26 de Março: um mandato reforçado para a OMS e financiamento sustentável para os seus programas de emergência. Em vez disso, foi emitido um comunicado diluído.

Felizmente – e por grande mérito das partes – a União Europeia e cinco países (Reino Unido, França, Alemanha, Noruega e Arábia Saudita) concordaram em colmatar a lacuna, anunciando uma conferência de compromisso especial (...).

Apesar da ajuda dos maiores doadores da Europa e da ajuda da Arábia Saudita, a CEPI (Coligação para a Inovação na Preparação contra Epidemias) é apenas um terço do caminho para garantir os três mil milhões de dólares necessários para desenvolver, expandir e produzir em massa centenas de milhões de doses de vacina para a covid-19.

Da mesma forma, embora a Wellcome Trust, a Fundação Bill&Melinda Gates e a Mastercard Foundation tenham fornecido em conjunto até 125 milhões de dólares

em financiamento inicial para acelerar o desenvolvimento e o acesso ao tratamento que permite salvar vidas contra o coronavírus, o plano da iniciativa Intervenções terapêuticas e Vacinas Covid-19 (ACTIV) necessita de 2,25 mil milhões de dólares para disponibilizar os primeiros 100 milhões de processos de tratamento. As organizações especializadas que monitorizam, aperfeiçoam e entregam os testes de diagnóstico em todo o mundo, como a Fundação para Novos Diagnósticos Inovadores (FIND), também precisam do nosso apoio.

A esperança é que, nos próximos dias, doadores desde a Austrália, Nova Zelândia e Coreia do Sul até ao Canadá e México se juntem ao evento de compromisso, enviando assim uma mensagem de que o mundo não irá tolerar o nacionalismo das vacinas, a pirataria médica e uma corrida feroz para o fundo do poço.

As consequências dos lapsos na cooperação internacional nos últimos meses podem agora ser contabilizadas em vidas perdidas. Como não conseguimos travar a primeira vaga da covid-19, não podemos cometer o mesmo erro novamente.

As intervenções globais podem parecer extremamente distantes das tarefas quotidianas que todos enfrentamos como indivíduos, famílias e comunidades para superar esta crise. Mas se os países não visualizarem para lá das suas fronteiras e coordenarem uma resposta internacional, todos sofreremos.

Hoje, o mundo inteiro está a enfrentar o que Martin Luther King, Jr. designou reconhecidamente de “a urgência cruel do agora”. Com a covid-19 a ameaçar destruir milhões de vidas e meios de subsistência em todos os continentes, as palavras de King foram proféticas: “Neste enigma revelador da vida e da história, existe algo chamado chegar tarde demais”.

**Ex-primeiro-ministro do Reino Unido, enviado especial da ONU para a Educação Global e presidente da Comissão Internacional de Financiamento da Oportunidade Global de Educação.**

# Covid-19

CONSULTORA

## Medidas do Governo não trazem alívio fiscal

Um especialista em fiscalidade da consultora PwC declarou que as medidas do Governo destinadas a atenuar o impacto da covid-19 nas empresas se traduzem mais num diferimento de prazos do que num verdadeiro alívio fiscal.

À Lusa, o director do departamento fiscal da consultora PwC em Angola, Luís Andrade, reconhece que “houve um esforço grande do Governo para implementar medidas para aliviar a tesouraria das empresas e uma capacidade rápida de resposta”, mas acrescenta que o alcance destas medidas é limitado. “Não são suficientes para salvar negócios, alguns já fragilizados, e que vão sofrer o impacto do confinamento, do estado de emergência e, sobretudo, da queda do preço do petróleo”.

O Governo anunciou um pacote de medidas que visam atenuar os efeitos da pandemia, incluindo a disponibilização de cerca de 488 mil milhões de kwanzas para a “manutenção mínima dos níveis de actividade das micro, pequenas e médias empresas do sector produtivo” e o alargamento dos prazos limite para a liquidação de obrigações tributárias. “Estas medidas não vão resolver nada, não há nenhum alívio fiscal, há um adiamento dos prazos, um pequeno diferimento para o cumprimento das obrigações fiscais” que não significa uma poupança na factura fiscal, porque “não há redução nem isenção de impostos”, refere.



## População jovem ajuda a conter surto em Angola

O CEDESA, entidade internacional que investiga temas da África Austral, considera que o “sucesso, até ao momento,” do combate à covid-19 em Angola resulta de o país ter uma população muito jovem e de uma reacção rápida do Governo.

A análise a que a Lusa teve acesso, que teve por base os números do Worldometer, que analisa manualmente, valida e agrega dados de várias fontes e fornece estatísticas globais ao vivo da covid-19, abrangeu, além de Angola, a República do Congo, o Congo Democrático, a Zâmbia e a Namíbia.

De acordo com a análise, “a situação angolana parece, dentro das circunstâncias, bastante positiva, mesmo fazendo uma comparação regional”, porque “a covid-19 não está a afectar a saúde da população de forma desmesurada”.

NA COMUNICAÇÃO SOCIAL

## Intervenção do Governo pode travar despedimentos

Alguns gestores de órgãos de comunicação social privados angolanos acreditam que um apoio institucional pode “travar despedimentos e encerramento de empresas”, após um encontro com o ministro das Telecomunicações, Tecnologias de Informação e Comunicação Social.

A directora da LAC, Maria Luisa Fançony, referiu que o encontro com o ministro foi “importante e necessário”. “Acho que é um princípio e estamos expectantes de resultados. No fundo, o apoio que solicitamos é no cumprimento da Lei de Imprensa, foi dentro desse espírito”, notou.

O ministro Manuel Homem, o Sindicato dos Jornalistas Angolanos e alguns gestores dos órgãos privados abordaram as dificuldades de tesouraria do sector.

A manutenção dos empregos e o funcionamento dos órgãos privados, com dificuldades para pagar salários, sobretudo nos últimos meses, devido à queda do pacote publicitário por conta da crise económica, agravada nos últimos meses pela pandemia da covid-19, são as principais preocupações dos jornalistas.



DESTINADOS À INVESTIGAÇÃO

## Comissão Europeia vai contribuir com mil milhões de euros

A Comissão Europeia anunciou uma contribuição de mil milhões de euros para a investigação de vacina e tratamentos para a covid-19, no âmbito de uma campanha mundial de angariação de fundos co-organizada por Bruxelas.

O anúncio foi feito pela presidente da Comissão Europeia, Ursula von der Leyen, no arranque de uma maratona mundial de angariação de

fundos para o desenvolvimento de testes de diagnóstico, tratamentos e vacinas contra a covid-19.

O objectivo é conseguir 7,5 mil milhões de euros para alocar a testes de diagnóstico, vacinas e tratamentos. “Temos de desenvolver e disponibilizá-los em todos os cantos do mundo e eles têm de estar disponíveis e acessíveis a todos”, adiantou Ursula von der Leyen.

ENSINO SUPERIOR

## Aulas até sábado

O Ministério do Ensino Superior, Ciência, Tecnologia e Inovação anunciou que a retoma das aulas presenciais, após o estado de emergência devido ao novo coronavírus, prevê aulas ao sábado para o cumprimento dos programas curriculares.

Numa circular, o órgão ministerial observou a necessidade de se proceder a um ajuste ao calendário académico, no sentido de se “garantir um mínimo de semanas lectivas que permitam cumprir os programas curriculares”.

Segundo o documento, está em curso o ajustamento do calendário académico, com a contribuição dos gestores das instituições do ensino superior, no âmbito do qual se prevê a realização de actividades lectivas ao sábado. A medida será adoptada “caso as necessidades de organização dos horários e das turmas assim o exija”, realça o documento. O Ministério do Ensino Superior referiu também que, apesar da incerteza sobre a evolução da pandemia da covid-19 no mundo e em Angola, “susceptível de criar hesitações e pessimismo”, as instituições do ensino superior deverão já começar a criar condições para a retoma da actividade tendo em conta as medidas preventivas.



O DIRETOR-GERAL DA ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS), Tedros Adhanom Ghebreyesus, pediu, na segunda-feira, 4, que o mundo se una para derrotar o novo coronavírus.



Mário Mujetes © VE

100% DE SENSIBILIDADE

## Farmacêutica suíça anuncia teste serológico

A farmacêutica suíça Roche apresentou um novo teste serológico com alto grau de sensibilidade e especificidade para a detecção de anticorpos em pessoas que possam ter sido infectadas com o novo coronavírus. O presidente da empresa, Christoph Franz, destacou, numa conferência de imprensa, a “sensibilidade e especificidade extraordinariamente elevadas” – 100% e 99,81%, respectivamente – e o “novo nível qualitativo” que este teste pode trazer aos estudos de medição da imunidade da população ao SARS-CoV-2, o coronavírus que pro-

voca a doença covid-19, e a ajuda à “reabertura não só da economia, mas também da sociedade”. A importância do novo teste foi enaltecida pelo ministro alemão da Saúde, Jens Spahn, que o considerou “um passo importante” no combate à pandemia de covid-19. Já em Maio estarão disponíveis três milhões de unidades, mas prevê-se o aumento posterior da capacidade de teste para cinco milhões por mês, com o ministro a realçar a visão global que essa dimensão permite ter da disseminação do novo coronavírus na Alemanha.

ACUSAÇÃO

## China responde com bonecos

Longe de se vislumbrar o fim da pandemia, a troca de acusações entre a China e os Estados Unidos continua. Este fim-de-semana, a China respondeu de forma original. “Era uma vez um vírus” é o título de um curto vídeo de propaganda, com cerca de 146 minutos, difundido pela agência de notícias oficial chinesa, a Xinhua, e que ridiculariza a resposta norte-americana à propagação do novo coronavírus.

As duas principais personagens são um guerreiro “terracota” chinês usando máscara cirúrgica e uma imagem da Estátua da Liberdade. Na versão dos acontecimentos narrada no vídeo, depois dos primeiros casos em Dezembro, a China aparece a avisar em Janeiro sobre a existência de um novo vírus perigoso. A Estátua da Liberdade responde “é apenas uma gripe”.

Mais tarde, em Março, é ridicularizada a acusação de Trump de que a China escondeu informações sobre o vírus, ao que o guerreiro chinês responde que tinha avisado que o vírus era perigoso. “Nós temos sempre razão, mesmo quando nos contradizemos”, diz a Estátua da Liberdade, já doente. “É isso que eu adoro em vocês, americanos: a vossa consistência”.



NO RIO DE JANEIRO

## Cristo Rei de máscara

A estátua do Cristo Redentor do Rio de Janeiro exibiu-se com máscara de protecção para alertar a população para o seu uso durante a epidemia da covid-19.

Fechado ao público desde Março, o principal monumento turístico do Brasil tem servido para transmitir mensagens de solidariedade para os funcionários da saúde do Brasil ou para outros países afetados pela covid-19.

Segundo a Lusa, desta vez, o Cristo Redentor, situado no topo do morro do Corcovado, a 710 metros acima do nível do mar, “colocou” uma máscara de protecção sobre a boca e nariz para travar o contágio da doença. Sobre o corpo de pedra foi projectado um coração vermelho coberto também com uma máscara, e podia ler-se “Máscara Salva”.

A iniciativa decorreu no âmbito de uma campanha sobre o uso de máscara de protecção, promovida por especialistas brasileiros para combater a pandemia. “Uma vez mais, o Cristo Redentor apresenta-se como o símbolo máximo na formação de uma consciência colectiva pela preservação da vida”, de acordo com uma nota do santuário.

# Marcas & Estilos



Mário Mujica © VE

## AUTOMÓVEL Excelência aerodinâmica

Criado para uma condução sem esforço e emocionante, o Bentley Continental GT é construído sobre um chassis inovador e arquitectura eléctrica, apresentando um motor W12 de 6,0 litros completamente novo e uma transmissão de dupla embraiagem de oito velocidades, para mudanças suaves, rápidas e eficientes. O novo modelo apresenta linhas limpas e super-formadas e um corpo largo e baixo, evocando uma sensação de velocidade e presença. Ao destrancar o carro, uma sequência pré-programada de iluminação externa recebe-o. Os assentos são de estilo minimalista, com um design aerodinâmico que garante que sejam tão confortáveis quanto elegantes.

## LIVROS



**CONSCIÊNCIA QUÂNTICA**, de Amit Goswami, usa princípios quânticos para explicar pensamentos, sentimentos, intuições, morte, reencarnação, evolução e propósito, para entendermos quem somos.



**EM 'A BIBLIOTECÁRIA'**, de Sally Vickers, Sylvia Blackwell, assume um emprego como bibliotecária infantil numa biblioteca degradada na vila de East Mole, após a licenciatura em 1958.

## AGENDA

### MUNDO

Fique em casa e desfrute de visitas a museus e de concertos virtuais

### MUSEU DE ARTE DE S. PAULO

O MASP oferece uma viagem virtual sobre a sua colecção de arte moderna que parece flutuar no ar.

### BRITISH MUSEUM

Viaje até ao coração de Londres sem sair de casa com um dos museus mais icónicos do mundo e descubra múmias egípcias e a Pedra Rosetta original

### CONCERTOS NA OPERA METROPOLITANA DE NOVA IORQUE

Assista a um show de cultura impar no conforto da sua casa e brinde-se com o melhor da ópera mundial todos os dias



## Um toque especial

Esta máquina da ROK torna os dias mais especiais. O design em cobre e cromo leva para casa um toque de cafetaria, elevando a aparência da sua bebida matinal. Projectada em Londres, permite-lhe fazer o próprio café onde quer que esteja.



## Fiel ao tempo

A mochila Rolltop é icónica porque se mantém fiel ao estilo Johnny Fly e por ser uma peça única que melhora com a idade. Os acessórios de latão maciço não enferrujam nem não mancham. Foi feita com couro marroquino à prova de água.



## TURISMO Madhia: fortaleza do turismo

Pequena cidade portuária que já foi a capital da Tunísia, Mahdia é um dos lugares mais tranquilos do país. A costa é a parte moderna e não tem nada que ver com o centro, que está preservado com a Praça do Cairo, em frente à mesquita de Mustapha Hamza. É alegre e colorida, com lojas de alfaiates, padeiros, ervanários, ourives e ferreiros. O forte de Borj el Khabir, uma fortaleza construída no século XVI, é a grande referência. O local mais indicado para jantar e onde se encontram alguns restaurantes é junto à Medina. Uma das opções de hospedagem é o luxuoso Iberostar Royal El Mansour, próximo da praia, com quartos e suites cinco estrelas.



## Ambiente

BOICOTE A INDÚSTRIAS POLUENTES

# ONU quer fundos direccionados para modelos sustentáveis

## MEMORIZE

● O chefe das Nações Unidas pediu que se aproveitassem os biliões de dólares para sair da crise pandémica, direccionando-os para a realização de “uma transição energética”, investindo-os, sobretudo, em tecnologias verdes, como incentivo às tecnologias limpas, e substituindo os subsídios para os combustíveis fósseis.

sustentou que, na situação da pandemia da Covid-19, “quando o dinheiro dos contribuintes é necessário para resgatar as empresas, se devem criar empregos verdes e crescimento inclusivo e sustentável”.

O responsável considerou ainda que o dinheiro público “não deve ser para resgatar indústrias obsoletas e poluentes”.

O chefe das Nações Unidas pediu, por isso, que se aproveitassem os biliões de dólares para sair da crise pandémica, direccionando-os para a realização de “uma transição energética”, investindo-os, sobretudo, em tecnologias verdes, como incentivo às tecnologias limpas, e substituindo os subsídios para os combustíveis fósseis.

António Guterres referiu também que, quer o aquecimento global, quer a pandemia da Covid-19, exigem uma “liderança corajosa, visionária e colaborativa” e lembrou também que os grandes países emissores, com a China e os Estados Unidos à frente, são “a chave do sucesso”.

“Sem a contribuição dos grandes [países] emissores, todos os nossos esforços correm o risco de estar predestinados ao fracasso”, alertou.

Guterres disse ainda que, nestes tempos difíceis, também “há esperança” e que a comunidade internacional tem diante de si “uma oportunidade de reconstruir um mundo melhor”.

“Vamos usar a recuperação face à pandemia para estabelecer as bases para um mundo mais seguro, saudável, inclusivo e resiliente para todos”, salientou o responsável.

ONU refere que, quer o aquecimento global, quer a pandemia da Covid-19, exigem uma “liderança corajosa, visionária e colaborativa”.



Mário Mujitas © VE

**SUSTENTABILIDADE.** Secretário-geral das Nações Unidas considera que “sem a contribuição dos grandes [países] emissores, todos os esforços correm o risco de estar predestinados ao fracasso”.

A Organização das Nações Unidas (ONU) defende que o dinheiro público não deve servir para resgatar indústrias poluentes, mas sim ser direccionado

para investimentos em modelos sustentáveis que permitam combater as alterações climáticas.

Durante o 11.º Congresso Internacional Petersberg Climate Dialogue, em Berlim, na Alemanha, através de videoconferência, António Guterres, secretário-geral da ONU,



António Guterres, secretário-geral da ONU

## NÚMEROS DA SEMANA

77,480

Mil milhões de kwanzas, lucros de oito bancos comerciais em 2019.

30

Por cento é quanto a fazenda Cacanda, na Lunda-Norte, perdeu de produção de ovos, carne bovina e hortícolas, face à redução da força de trabalho.

12,1

Milhões é o número de clientes de 19 entidades bancárias, segundo as estatísticas do primeiro trimestre apresentadas pelo BNA.

222,6

Milhões de dólares, valor das divisas que os bancos adquiriram ao sector do petróleo e gás em Abril.



Mário Mujetes © VE

## BNA acusa plataforma TrocaKwanzas de agir à margem da lei

A plataforma digital denominada TrocaKwanzas, de intermediação de transferências para Angola, Brasil, Estados Unidos e Europa, não está licenciada para exercer quaisquer actividades no sistema financeiro angolano.

O alerta é do Banco Nacional de Angola que, numa nota, faz saber que a actividade desempenhada pela referida empresa a partir do site <https://www.trocakwanzas.com/> está à margem do disposto na alínea g) do n.º 1 do artigo 7.º da Lei n.º 12/2015, de 17 de Junho – Lei de Bases das Instituições Financeiras. “Não é prosseguida por nenhuma entidade habilitada a exercer, em Angola, qualquer actividade financeira sujeita à sua supervisão, nomeadamente, a prestação de serviços de pagamentos e de comércio de câmbios, que está reservada às entidades habilitadas e autorizadas a exercê-la.”

Por este facto, o BNA apela às instituições financeiras bancárias e ao público em geral para que se abstenham de estabelecer qualquer relação de negócio com a mesma. Outrossim, adverte aos elementos responsáveis da plataforma a absterem-se da prática sob pena de incorrerem “em qualquer acto passível de ser qualificado como contravenção especialmente grave, prevista e punível nos termos da alínea a) do artigo 152.º da Lei n.º 12/2015, de 17 de Junho – Lei de Bases das Instituições Financeiras. A empresa ainda não se pronunciou.

## PIDCR

# PR aprova comércio rural

O Presidente da República aprovou, em decreto datado de 4 de Maio, o Programa Integrado de Desenvolvimento do Comércio Rural, PIDCR, revogando toda a legislação criada e aprovada anteriormente com o mesmo propósito e que contrarie o novo programa.

Divulgado pela primeira vez em Agosto de 2019, o PIDCR foi apresentado como defendendo uma participação maior do sector privado na aplicação das 10 medidas e 173 acções

previstas. Na ocasião, o secretário de Estado para o Comércio, Amadeu Nunes, garantiu que o Governo tudo fará para procurar evitar cometer os mesmos erros registados na execução de iniciativas como o Programa de Aquisição de Produtos Agrícolas (Papagro), que falhou no escoamento, com o consequente apodrecimento dos produtos.

O referido programa foi apresentado nas várias províncias e, na altura, constatou-se que um dos grandes desafios para o sucesso do mesmo é a reabilitação das estradas secundárias e terciárias.



Mário Mujetes © VE

## PROGRAMA DE PRIVATIZAÇÃO

# Igape vai contratar novos serviços de consultoria

O Instituto de Gestão de Activos e Participações do Estado (Igape) anunciou estar a realizar um concurso para a contratação de serviços de consultoria financeira e técnica para assessoria permanente à implementação do Programa de Privatizações (Propriv) e assessoria permanente e regular a processos específicos de privatização. Segundo a instituição, que divulga o concurso na sua página, os interessados devem apresentar as propostas até 22 de Maio de 2020. Está aberto à participação de entidades estrangeiras e o período de validação do contrato será de 24 meses.

O objectivo é “contratar uma empresa que demonstre capacidade de prestar serviços especializados de consultoria de forma fiável e competitiva, visando aumentar a celeridade do processo de privatizações, garantindo fiabilidade e assertividade da informação como suporte ao processo de tomada de decisão, conduzindo o negócio ao melhor valor global”, lê-se no termo e referência do concurso. O Igape conta, desde Março, com assessoria técnica da empresa pública portuguesa Parpública.